



Comunicação e educação no ar: uma análise da produção radiofônica da escola Rebouças Macambira no programa *Antenados*^{1 2}

Allan de Lima COSTA³
Márcia Vidal NUNES⁴
Renata de Lima SOUSA⁵

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE

Resumo

O presente artigo busca analisar o processo de evolução de técnica e de conteúdo da apropriação do meio radiofônico nas produções do programa *Antenados*, desenvolvido pelo projeto “Rádio-escola pela educação” da ONG Catavento Comunicação e Educação. Para isto analisamos o primeiro e o quinto programa da primeira e da segunda temporada do *Antenados*, produzidos pelos estudantes-comunicadores da escola municipal Rebouças Macambira, localizada em Fortaleza. Concluímos que essa evolução se dá de forma gradual, a partir do processo de apropriação consciente e crítica do rádio, possibilitando que os alunos se reconheçam nessas produções e possam estabelecer uma reflexão dialógica do contexto em que estão inseridos.

Palavras-chave: Rádio-escola; educação; temas transversais

1. Introdução

O presente artigo irá analisar produções radiofônicas da escola Rebouças Macambira no programa *Antenados*⁶, desenvolvido pelo projeto “Rádio-escola pela Educação”⁷ da ONG Catavento Comunicação e Educação⁸. O programa *Antenados* é

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Artigo produzido na disciplina de Comunicação e Política do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), ministrada pela Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes. Deve-se ressaltar que Tarciana Campos, mestranda em Comunicação da UFC, também colaborou na orientação do presente artigo. A escolha da análise dos programas da escola Rebouças Macambira foi definida em sala através de sorteio.

³ Graduando do 6º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: allandjc@gmail.com

⁴ Professora orientadora. Professora do curso de Comunicação Social da UFC. E-mail: marciavi@ufc.br

⁵ Graduanda do 6º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: renata.jornalismo.ufc@gmail.com

⁶ Os áudios e roteiros dos programas estão disponíveis no site <http://www.seguraessaonda.org.br/antenados.php>

⁷ O projeto “Rádio-escola pela educação” surgiu através da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza e a ONG Catavento Comunicação e Educação em 2008. O objetivo do projeto é produzir programas de rádio que tratem alguns temas transversais da educação propostos pelo Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). O “Rádio-escola pela educação” é uma retomada do projeto “Segura essa onda”, organizado pela ONG Catavento, que realizou oficinas radiofônicas em quatro escolas municipais de Fortaleza e outras duas nos municípios de Paramoti e Trairi.



produzido por estudantes e educadores de escolas municipais de Fortaleza. A análise se deterá no primeiro e quinto programas da primeira e segunda temporada. Os programas analisado tratam dos temas transversais da educação, instituídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)⁹ do Ministério da Educação (MEC).

O primeiro programa da primeira temporada tem como temática o meio ambiente, tendo como enfoque a questão da água, e o quinto programa da primeira temporada tem como temática a orientação sexual, apresentando as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e as prevenções.

Os programas da segunda temporada discutem, no primeiro programa, o trabalho infantil e como ele pode ser prevenido. E, no quinto programa, a cultura popular nordestina, dando enfoque nos ritmos musicais, danças e jogos.

Temos como objetivo comparar as produções de cada temporada a fim de verificar se houve ou não alguma evolução na apropriação técnica e na abordagem do conteúdo. Desta forma, poderemos compreender como se dá o processo de utilização do rádio por jovens comunicadores dentro do âmbito escolar e comunitário em que estão inseridos.

2. Análise do conteúdo

Primeira temporada

A Escola Rebouças Macambira deu início a primeira temporada do programa *Antenados*. O primeiro e o quinto programas tiveram como tema o meio ambiente e orientação sexual, respectivamente. A abordagem da temática meio ambiente ficou restrita ao terceiro bloco do programa, pois os dois primeiros blocos foram reservados para apresentação do programa *Antenados* e do que são os temas transversais. Essa estrutura permite que o ouvinte se situe naquilo que está ouvindo e compreenda quais são os objetivos e organização do programa. A escolha por esse tipo de disposição

⁸ A ONG atua nas áreas de comunicação e educação como estratégia para o desenvolvimento humano. Desde 1995, a Catavento trabalha com crianças, adolescentes e jovens do semi-árido brasileiro, através de projetos que busquem democratizar e ampliar a compreensão sobre as diversas formas de comunicação, promover a troca de saberes entre as diferentes culturas e sensibilizar os profissionais para a dimensão educativa dos processos educacionais. Mais informações sobre a ONG e suas atividades em: <http://www.catavento.org.br/>

⁹ Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram organizados no sentido de estabelecer um referencial de qualidade para a educação fundamental do Brasil. “Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997, p.13). Buscando promover a introdução de questão que estão presente na pauta de discussão da sociedade atual, os parâmetros estabelecem temas transversais que irão compor o currículo da educação formal. Os temas são os seguintes: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural.



tornou a abordagem do tema meio ambiente mais superficial em relação aos outros temas abordados nos programas seguintes, além de ter pouca interação com os alunos, contendo apenas uma enquete. Só no terceiro bloco, por exemplo, o programa introduz a questão da água, explicando a importância do tema e buscando a opinião de especialistas.

O tema orientação sexual teve um tratamento mais profundo e dinâmico, revelando um maior interesse dos estudantes produtores por essa temática. O programa explicou o que são as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), quais são as formas de transmissão e prevenção e abordou questões sociais que envolvem o tema, como o acesso ainda restrito a vacinas contra HPV aqui no Brasil (segundo informação dada pelo programa, as vacinas custam em torno 330 a 380 reais), enquanto na Suíça, a vacinação é gratuita. A apreciação crítica de temáticas sociais revela que os programas são produzidos de forma consciente e de acordo com a realidade do país em que vivem, não sendo uma mera reprodução dos livros de biologia.

Isso (a análise crítica dos temas) é mais interessante do que simplesmente rejeitá-los quando negativos, porque favorece o desenvolvimento da capacidade de analisá-los criticamente de tal forma que os alunos, na medida de suas possibilidades e cada vez mais, os compreendam, percebam sua presença na sociedade e façam escolhas pessoais e conscientes a respeito dos valores que elegem para si. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1998, p.37)

Compreender a produção radiofônica e articulá-la a uma problematização da realidade se faz essencial quando pensamos em uma formação crítica dos jovens. É nesse sentido que o *Antenados* se afina com o conceito de educomunicação, área da comunicação que busca promover a leitura crítica das mídias e incentivar a apropriação dos meios de comunicação na formação de crianças e adolescentes. Dentre os objetivos desta área, está “ampliação da capacidade dos agentes culturais para a discussão de temas transversais e próximos ao cotidiano social, tais como sexualidade, direitos e cidadania, violência e meio ambiente, entre outros” (SALVATIERRA, 2005, p. 245).

A utilização de recursos técnicos dinâmicos, no quinto programa, permite que o ouvinte compreenda melhor o tema. Podemos citar como exemplo o radio-teatro, que dramatiza um caso de um aluno que descobre através de exame que está com HIV. O aluno discute o assunto com os colegas da escola, trazendo a temática para o cotidiano deles. Outro recurso usado é uma paródia, criada pelos estudantes, para explicar com humor o que são as DSTs e quais as formas de preveni-la. A produção de situações reais



pelos próprios alunos permite que eles se identifiquem de forma mais fácil com o conteúdo apresentado.

Na primeira temporada, podemos perceber que o tema orientação sexual teve uma apropriação melhor dos alunos, com utilização de técnicas mais dinâmicas e abordagem de maior profundidade. Percebe-se também que este programa apresentou um rico conteúdo educativo ao buscar informações variadas sobre a prevenção das DSTs e sobre as formas de contágio, enfatizando que qualquer pessoa pode vir a ter a doença, independente de opção sexual ou classe social.

Já o tema meio ambiente foi abordado de forma mais superficial, pois só apresentou um bloco para sua introdução, enquanto os dois primeiros foram dedicados para a apresentação do *Antenados* aos ouvintes e explicar quais seriam seus objetivos e estrutura. Apesar da escolha desse tipo de estrutura ter limitado a abordagem do tema, foi necessária para situar o ouvinte sobre aquilo que ele irá ouvir, sobretudo por ser o programa introdutório da série. Porém, a interação com os ouvintes ficou defasada no que se refere à expressão de opinião dos alunos quanto ao tema e ao cotidiano da própria escola.

Dentro dos limites de um bloco, o programa tenta despertar o interesse do ouvinte para a temática, trazendo um conteúdo educativo que possibilite a conscientização do ouvinte nas questões ambientais. O recurso da enquete, que se apresentou no programa como uma forma de interação, teve uma participação pouco espontânea dos alunos, como, por exemplo, na enquete sobre a importância da temática meio ambiente.

Segunda temporada

Na segunda temporada do *Antenados*, os programas trabalham conteúdos educativos embasados na conscientização do fim do trabalho infantil, trazem uma perspectiva histórica do enfrentamento da exploração do trabalho infantil, além de trabalhar com o respeito à diversidade cultural.

O primeiro e o quinto programa da segunda temporada têm como temática o trabalho infantil e a cultura popular, respectivamente. O primeiro *Antenados* apresenta um aprofundamento das temáticas que se propõem abordar em relação aos programas da primeira temporada. Os alunos utilizam, por exemplo, dados do IBGE para situar o ouvinte dentro de uma perspectiva geral do tema. Buscam também diferenciar a exploração do trabalho infantil do trabalho como jovem aprendiz. Além de trazer uma



explicação sobre a lei que combate a exploração do trabalho infantil e as conseqüências psicológicas dessa violência, utilizando uma linguagem simples e próxima da realidade dos jovens.

Houve uma preocupação de apresentar o artigo do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que trata da exploração do trabalho infantil, mas a partir de uma linguagem acessível ao público alvo do programa, que são os jovens. O programa também traz uma entrevista com uma aluna do EJA (Educação de Jovens e Adultos) da escola Rebouças Macambira, que se viu obrigada a abandonar os estudos na adolescência para sustentar a família. Fala também sobre o Peteca (Programa de Educação contra a Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente), que já é desenvolvido na escola Rebouças Macambira.

O segundo programa apresenta uma análise ampla da temática cultura popular. O programa inicialmente analisa alguns elementos da cultura popular nordestina, como travas-língua, provérbios populares e contos populares. Na tentativa de abranger o máximo de elementos que pudessem explicar a cultura nordestina, houve um excesso de informação no segundo e terceiro bloco do programa. Por exemplo, quando o programa trata dos aspectos musicais nordestinos, há uma excessiva quantidade de ritmos abordados, como o forró, o xaxado, o baião, o coco, a quadrilha, a capoeira, o maracatu e outros, podendo gerar incompreensão e confusão ao ouvinte.

O programa sofre algumas alterações em relação ao que estava no roteiro, como, por exemplo, a inserção de uma entrevista sobre um projeto Vidança, que desenvolve atividade de dança para jovens da comunidade onde a escola se localiza, permitindo trazer a realidade do bairro para o programa. Os motivos para tal modificação não foram identificados.

Novamente, em ambos os programas da segunda temporada, recursos técnicos foram utilizados para tornar a compreensão dos temas mais fácil. Os radio-teatros permitem uma aproximação com a realidade dos alunos e o rap sobre como denunciar casos de exploração do trabalho infantil produzido pelos alunos foi uma forma criativa de oferecer um serviço aos ouvintes, permitindo a memorização do disque denúncia.

É válido ressaltar a importância das músicas que compõem as cortinas¹⁰. Elas possibilitam que o ouvinte fique atento ao tema no decorrer do programa, permitindo que este entre no “clima” da temática. A utilização desse recurso foi especialmente

¹⁰ Cortina: breve trecho musical que identifica ou separa determinada parte de programa radiofônico. Usada para assinar a transmissão de comentários, seções, editoriais.



importante no segundo programa, que fala sobre cultura popular, em que as cortinas foram utilizadas para exemplificar os ritmos tratados na temática, permitindo uma melhor compreensão pelo ouvinte.

A partir da análise dos programas da segunda temporada, percebemos maior maturidade por parte dos estudantes-produtores com relação ao conteúdo das temáticas. Os programas da segunda temporada apresentam estrutura mais organizada e trabalham os temas transversais com mais profundidade, contextualizando o tema dentro de uma perspectiva histórica, como quando falam sobre o surgimento do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) no primeiro programa da segunda temporada; ou de uma perspectiva sociológica no quinto programa, quando conceituam um termo complexo como cultura.

No segundo programa, percebemos que houve um desequilíbrio por um excesso de informação, mas a utilização de recursos dinâmicos, como radio-teatro e músicas, facilita a compreensão da temática.

3. Análise Técnica

O texto usado no rádio é uma fala armazenada. A apresentação de um roteiro pelo microfone é a utilização dessa fala. De um modo geral, o processo deve dar ao ouvinte a impressão de que o radialista está falando com ele e não lendo para ele. É claro que há uma preparação prévia, mas deve parecer espontânea. (MCLEISH, 2001, p. 61)

Como descreve Mcleish, o texto radiofônico é um estilo que se parece a uma conversa do dia-a-dia, mas que é lida de um script. No entanto, essa leitura deve ser feita de forma fluida, fazendo com que o ouvinte pense que o locutor está falando para ele e não lendo, passando a representar, de fato, um diálogo, uma conversa.

Analisando os programas um e cinco da primeira e da segunda temporadas do *Antenados*, percebe-se que há uma preocupação por parte da produção do programa de criar textos simples e mais dialogados, mais próximos de uma conversa entre os apresentadores. A técnica permite que os ouvintes assimilem o conteúdo de forma mais facilitada.

Segundo Heródoto Barbeiro (2001, p. 62): “a mensagem no rádio se ‘dissolve’ no momento em que é levada ao ar. Para que a missão de conquistar o ouvinte seja alcançada, o texto deve ser coloquial”. Dessa forma, vemos que a linguagem do rádio possui maior flexibilidade, porém deve-se tomar cuidado para não fugir das regras gramaticais da língua ou tornar a linguagem do texto vulgar.



Esse cuidado é visto nos programas da série *Antenados*. O uso da linguagem informal é feito, mas de forma equilibrada. Vemos o uso da fala coloquial em palavras, como: “caramióla” e “bocão”; além de expressões, como: “Hum... Mas você tá gaiatinho hoje, né?”.

Esse tipo de linguagem deve estar presente, como de fato é, no *Antenados*, não apenas por uma questão de técnica radiofônica, mas também por ser um programa voltado prioritariamente para adolescentes. Dessa maneira, a linguagem utilizada faz com que o programa seja muito mais atrativo para o seu público alvo.

Os programas *Antenados*, que foram analisados por este artigo, possuem boa interação entre os apresentadores, dando dinâmica ao texto. Quanto à leitura, no entanto, sugerimos alguns apontamentos. No programa um, da primeira temporada, a palavra “rádio-escolas” faz com que o locutor trave um pouco na hora de dizê-la, porém essa palavra é indispensável no contexto em que está sendo citada. Esse tipo de problema pode ser evitado neste caso através da substituição da palavra por pronomes ou correlatos. O trecho é:

LOC 2 Interessante Cláudia. Mas tem outras rádio-escolas também. Tem as rádio-escolas de Trairi e Paramoti que vão sempre fazer uma participação como correspondentes. Esqueceu que eu sou estudante de Paramoti, da Escola Tomé Gomes? (script do programa 1 *Antenados*, primeira temporada).

O texto dos programas possui ritmo e, na maioria das vezes, diálogos com frases curtas. No entanto, sugerimos algumas modificações. No primeiro programa da segunda temporada, o locutor, para falar sobre o assunto abordado, o trabalho infantil, e apresentar o entrevistado, acaba usando uma frase muito longa.

LOC 2 – Já seeei Cláudia! Para ajudar a gente a responder a todas essas perguntas e ainda mais outras, que tal a gente conversar com o Antonio Oliveira Lima, procurador do trabalho e também titular da coordenadoria nacional de combate à exploração do trabalho de criança e adolescente.

A fragmentação desta frase em duas outras daria tempo de o locutor respirar e também a deixaria mais simples para o ouvinte entendê-la. Nesse exemplo, no entanto, a frase longa não influencia muito no entendimento, diferente exemplo a seguir.

Observe o seguinte texto do mesmo programa acima: “LOC 1: Quem conversa com a gente sobre o assunto é a estudante do EJA, Educação de Jovens e Adultos, da escola Rebouças Macambira, Eveline Sabino da Costa”. Nota-se que o uso de frases intercaladas prejudica um pouco a compreensão do ouvinte. Para o texto radiofônico, Barbeiro (2001) sugere evitar o uso de frase intercaladas. Por isso, reorganizamos a



mesmo trecho, para que ela possa ser de mais fácil compreensão para o ouvinte: “Quem conversa com a gente sobre o assunto é Eveline Sabino da Costa, estudante da Educação de Jovens e Adultos, o EJA, da escola Rebouças Macambira”. A troca do local do nome da estudante e da sigla do EJA tornou a sentença mais clara para o ouvinte.

Essas peculiaridades do texto do rádio é o que o diferencia de outras mídias. “O que difere o texto do rádio em relação aos veículos da imprensa escrita é a instantaneidade do meio. O ouvinte só tem uma chance para entender o que está sendo dito”. (BARBEIRO, 2001, p. 62)

É importante lembrar que os apresentadores dos programas das duas temporadas mostram preocupação com o ouvinte, sempre dialogando com ele, certificando-se de que ele está lá e de que está entendendo o assunto, como em: “LOC1 : Mas conte para nosso ouvinte escutar.”, no primeiro programa da primeira temporada; e “LOC 1: Espero que o pessoal tenha se ligado ainda mais na importância de se cuidar”, no segundo programa da mesma temporada.

Esse diálogo com o ouvinte é importante para que ele se sinta mais próximo da discussão do assunto e chame sua atenção para o programa. O fato de os locutores sempre se apresentarem no início de cada programa, ou bloco, ou quando surge algum novo apresentador, também proporciona uma relação mais pessoal entre locutor e ouvinte; isso colabora para que quem está ouvindo preste mais atenção na discussão e não mude de estação tão facilmente.

Além da apresentação, os locutores sempre tentam situar o ouvinte sobre o que eles estão comentando nos programas, repetindo informações quando preciso, além de fazer uso da reiteração da mensagem, como sugere Kaplún (2008, p. 85), “A mensagem radiofônica é efêmera, inscreve-se no tempo. Não é possível voltar atrás e reler o que não conseguiu apreender. Isto impõe a necessidade de ser muito reiterativo, de repetir e insistir”. Dessa maneira, eles reforçam bastante as informações passadas, como forma de fixar na cabeça do ouvinte a mensagem dos programas. Vale também lembrar que a repetição da mensagem é importante pelo fato de a audiência do rádio ser rotativa.

Kaplún (2008) comenta que a repetição da mensagem deve ser feita de forma equilibrada para não dar monotonia ao texto. O uso de interjeições e exclamações no texto dos programas analisados quebra possíveis monotonias, dando mais dinâmica aos diálogos, através das diferentes entoações.

A locução dos apresentadores é feita de forma clara e ritmada nos quatro programas analisados, sobretudo os da segunda temporada. No entanto, temos algumas



sugestões de caráter meramente técnico. No primeiro programa da primeira temporada, o problema de velocidade e entonação com que o LOC 2 fala a frase “Mas por que falar de meio ambiente é tão importante?” quebra o ritmo e prejudica a espontaneidade do diálogo. O mesmo acontece na seguinte frase do LOC 2: “O meio ambiente oferece aos seres vivos as condições essenciais para a sua sobrevivência e evolução.”.

Outro ponto que os locutores devem prestar atenção durante a locução é falar sempre no centro do microfone para que a voz não oscile, ficando baixa em alguns momentos e alta em outros. Isso acontece duas vezes: uma no programa cinco da primeira temporada, na seguinte locução: “LOC 2 – Gente, a Aids pode ser evitada usando preservativo nas relações sexuais.”; e também na locução de um dos garotos no rádio-teatro do primeiro programa da segunda temporada. No quinto programa da segunda temporada, a locutora da personagem Isabel não atenta para a distância mínima entre sua boca e o microfone, o que ocasiona ruídos durante sua fala

Para dar mais riqueza à forma como os programas abordam os temas, os estudantes usam elementos como músicas, entrevistas, enquetes, jingles e o rádio-teatro. Esses elementos tornam os programas mais dinâmicos e, dessa forma, mais atrativos para os ouvintes.

Através da música, o programa ganha novo ritmo. As músicas estão sempre relacionadas ao assunto que está sendo discutido no programa. Até mesmo os BGs¹¹ e as cortinas estão sempre em harmonia com o conjunto da obra. Isso é um fato importante, pois se o elemento musical for usado de forma aleatória, pode fazer com que o ouvinte se desconcentre da mensagem e troque de emissora, além de dificultar o entendimento da mensagem. Outros elementos musicais são os jingles e músicas e paródias cantadas por outros estudantes. Esses elementos estão mais presentes nos programas da segunda temporada. “(...) o rádio não é só palavra, é também música e sons. A linguagem musical é, sem dúvida, uma das linguagens humanas mais ricas que existem e de maior intensidade expressiva e emocional” (KAPLÚN, 2001, p86). Dessa forma, o autor acredita que os temas musicais colaboram na criação de imagens auditivas.

As imagens auditivas que Kaplún descreve também são produzidas a partir do rádio-teatro. Através da simulação de situações do dia a dia de seu público alvo, os programas estimulam a imaginação dos ouvintes na criação da cena e também exploram

¹¹ BG (Background) o mesmo que fundo musical. Música, geralmente instrumental, em volume inferior ao texto lido por um locutor. Função expressiva e reflexiva.



o assunto de uma maneira mais atrativa. O uso do som colabora na criação dessas imagens nas dramatizações.

Nos programas das duas temporadas são usadas enquetes ou para sondar o que os ouvintes pensam, ou para acrescentar conteúdo informativo. As duas enquetes da primeira temporada, no entanto, parecem ter sido feitas com respostas previamente planejadas, o que transmite artificialidade para o ouvinte. O mesmo não acontece nas duas enquetes da segunda temporada, que parecem ter respostas espontâneas, principalmente no quinto programa.

Outro elemento utilizado nos programas são as entrevistas. As sonoras das entrevistas possuem boa qualidade técnica, sendo de fácil compreensão para o ouvinte. As perguntas feitas são simples, diretas e esclarecem o que é assunto abordado de forma que a mensagem seja passada para o ouvinte; isso é marca da objetividade jornalística.

Contudo, na hora da produção, há momentos em que os entrevistadores parecem está lendo as perguntas para os entrevistados, em detrimento de uma conversa mais fluida, o que torna a entrevista levemente artificial, como ocorre, por exemplo, no programa um da primeira temporada. No momento da entrevista, os entrevistadores poderiam se dirigir aos entrevistados, chamando pelo nome ou mesmo por você ou senhor. Isso poderia dar uma nova dinâmica a “conversa” dos dois, e evita que as perguntas pareçam artificiais e soltas, como se não houvesse direcionamento. Tomando o exemplo do primeiro programa da primeira temporada em que o locutor pergunta ao entrevistado: “e o que fazer para solucionar os problemas?”, mas poderia ter dito: “e, na sua opinião, o que fazer para solucionar os problemas que foram comentados”.

Com relação ao tamanho das sonoras, as da primeira temporada deveriam ser maiores, uma vez que os entrevistadores estão recebendo informações de especialistas ou de pessoas que conhecem mais sobre o assunto abordado. No entanto, o tempo da sonora deve ser moderado não se tornar cansativa.

Ainda no primeiro programa da primeira temporada, há um problema sutil de edição na sonora da entrevista com Edgard Patrício. A última frase do entrevistado é cortada quando o tom de sua fala ainda está “pra cima”. Barbeiro (2001, p. 71) sugere que “a sonora deve terminar com a entonação ‘para baixo’. O depoimento que termina com a entonação ‘para cima’, além de ser esteticamente horrível, dá a impressão de que o entrevistado foi cortado antes de completar o pensamento ou que foi alvo de censura.”

Quanto à edição final dos programas, acreditamos que possui qualidade técnica. Esse é um dos pontos importantes para uma produção radiofônica, pois possibilita a



integração harmônica dos diferentes elementos utilizados na produção dos programas *Antenados*.

4. Conclusão

A partir da análise dos quatro programas das duas temporadas do *Antenados*, produzidos pelos estudantes-comunicadores da escola Rebouças Macambira, observamos o processo de evolução tanto da abordagem do conteúdo como da utilização dos recursos técnicos no decorrer da temporada. Observamos que os jovens comunicadores amadureceram o conhecimento da linguagem do meio radiofônico, adaptando o material disponível para as especificidades desse meio.

Quanto ao conteúdo, observamos que nos programas da segunda temporada os assuntos tiveram uma organização mais linear, levando inicialmente uma introdução geral do tema e somente depois delimitando e aprofundando uma das variadas perspectivas do tema geral. Uma maior preocupação com a contextualização do tema dentro da realidade vivenciada por esses alunos foi notada, através da apresentação de rádio-teatros no contexto escola, músicas e paródias produzidas pelos próprios alunos, apresentação de projetos desenvolvidos na escola e na comunidade, além de entrevistas com pessoas da comunidade escolar.

O fato de o programa ser voltado para estudantes e ser produzido por eles mesmos é algo muito importante para a eficácia da transmissão da mensagem. Kaplún (2001) comenta que o desenvolvimento da capacidade de empatia faz com que o radiouvinte se sinta presente no programa. Ele sente como se o programa se refletisse nele.

O programa *Antenados* apresenta-se como uma experiência enriquecedora ao possibilitar que os alunos tenham contato com um meio de expressão e possam conhecer não apenas a linguagem desse meio, mas também toda a prática dialógica que pode está ligada ao processo de construção de um programa. Esse diálogo apresenta-se com uma especial importância no âmbito escolar, onde as relações por vezes são pautadas pela hierarquização e pela desigualdade. Portanto, vemos que a produção do programa *Antenados* corresponde aos objetivos da educomunicação, a qual se propõe o projeto “Rádio-escola peã Educação”.

Assim, pode-se considerar a educomunicação como uma maneira de se inserir a estética na escola, em que a idéia é descristalizar práticas alienantes do cotidiano, permitir a manifestação de vozes e o resgate da experiência e da narrativa. (FORTUNA, 2009, p. 13)



Os temas transversais foram inseridos no processo de comunicação através do programa *Antenados*, introduzindo o projeto pedagógico no âmbito da comunicação. Dessa forma, o aprender deixa de ser apenas uma mera transmissão do saber passado de poucos que sabem para os muitos que não sabem e torna-se uma construção produzida através do diálogo. É nesse momento que a educação torna-se uma prática libertadora (FREIRE, 1983). Utilizando o processo comunicativo, o jovem pode ampliar sua consciência de mundo, reconhecendo-se como um ator social da realidade e, portanto, podendo transformá-la.

5. Referência Bibliográfica

BARBEIRO, Heródoto. **Manual de Radiojornalismo**. São Paulo: Editora Campus, 2001.

FORTUNA, Danielle Barros. **Educomunicação: Importância da Apropriação dos Media (rádio) no Exercício da Educação Ambiental e Cidadania na Comunidade**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensao ou Comunicacao ?**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KAPLÚN, Mario. **A natureza do meio: limitações e as possibilidades do rádio**. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCOLOTO, Valci. *Teorias do Rádio: textos e contextos*. Volume II. Florianópolis, SC: Insular, 2008.

MCLEISH, Robert . **As características do rádio como meio de comunicação**. In: MCLEISH, Robert. *Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica*. SP: Summus, 2001.

MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.). **Teorias do rádio, textos e contextos**. V. 2, Florianópolis: Ed. Insular, 2008.

SALVATIERRA, Eliany. **Educomunicação e experiência estética**. In: LIMA, Rafaela (Org.). *Mídias Comunitárias, juventude e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica / AIC, 2007.



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.